

THIS MUST BE THE PLACE

Falta de ar. Em todo o lado, asfixiados pelas afrontas do nacionalismo ressurgente, do racismo e da morte por governamentalidade, os nossos lares são assombrados pelos futuros remanescentes de um presente que parece não passar.

Nas palavras de Avery F. Gordon, assombrar descreve “aqueles momentos singulares e, no entanto, repetitivos, quando a casa se torna estranha, quando se perde o rumo, quando o fim ganha vida, quando o que estava oculto no ponto cego aparece.” Para Gordon, é o ajuste de contas, mais ou menos cortês ou violento, com a incapacidade de avançar que nos poderia ajudar a lidar de maneira diferente com as condições que produzem, à partida, essa assombração.

Lugar de abrigo. Oscilando entre espaço de proteção e de confinamento, a casa pode ser um espaço continuado de violência e agitação, bem como ícone do nacionalista *Heimat* ou da pátria que alça fronteiras e separa. Também pode significar emergência e possibilidade, espaço do despertar espiritual dentro de cada um, habitat ou lugar a partir do qual se desvendam as inefáveis expensas do mundo. Nas várias tensões entre o político, individual e familiar, a casa é um lugar de luta entre temporalidades misturadas com o presente: a melancolia e a nostalgia, por um lado, e a antecipação e a esperança, por outro.

À luz da hospitalidade, a casa é o espaço privilegiado para acolher o forasteiro, o estrangeiro, o desconhecido. Seja ele um fantasma de um passado longínquo e distante ou a projeção do futuro, a casa é assombrada pelas prolongadas possibilidades do presente. Assombrar, pode então sugerir estratégias para avançar na direção de uma condição de distanciamento, que metaboliza o desconhecido: a aprendizagem de como viver e morrer bem ante um patógeno altamente contagioso e a conviver com um novo ritmo de vida que oscila entre a paragem completa, a pausa parcial e a aparente normalidade.

O olhar do outro desde dentro. Em maio de 2020, Lehmann + Silva desafiou-me para conceber uma exposição on-line com os artistas da galeria, que refletisse a sua produção durante o confinamento. Partindo das suas diversas experiências e temporalidades - do Havai a Paris e do Porto a Berlim - incentivei os artistas a hospedar um desconhecido em suas casas. Convidei-os a apresentar as suas ideias, divagações e investigações, como se fossem vistas pelos olhos de outra pessoa, meditando sobre manter-nos juntos ainda que separados no espaço-tempo do distanciamento e isolamento social. Mediados pelos ecrãs e câmaras de telemóveis, planeámos partilhar pesquisas, práticas de pintura e desenho, performances ao vivo no Instagram e estados de ânimo, numa série de

vídeos de curta duração que envolvem o público, o não público e os prenúncios políticos dos nossos tempos.

Na sua abertura incondicional ao mundo, a hospitalidade recusa uma visão linear e unidirecional do tempo, como brilhantemente demonstrou Marcel Duchamp no seu jocoso aforismo: "Um Hóspede + Um Anfitrião = Um fantasma"¹. Os espectros requerem hospitalidade, são a chegada a si mesmo, sempre em relação ao outro mundano. Por outras palavras, um Hóspede, um Anfitrião e um Fantasma são a mesma coisa, pois a hospitalidade é ativa, sempre empenhada em acolher o forasteiro e o desconhecido. Esta é a definição de casa na letra da música de Talking Heads, *This Must be the Place*, escrita por David Byrne em 1983, e da qual emprestamos o título para esta exposição online: "Home is where I want to be / But I guess I'm already there [É em casa que quero estar / Mas acho que já lá estou]". Organizada em torno de cinco vídeos curtos, *THIS MUST BE THE PLACE* [Este deve ser o lugar] é como um breve guião para práticas e sociabilidades hospitaleiras, maneiras de acolher a diferença durante experiências heterogêneas de confinamento: em vitalidade, transformação e ritual, e através da matéria e da troca.

NT

¹ No original em inglês, "A Guest + A Host = A Ghost" Marcel Duchamp, mistura as palavras "hóspede" e "anfitrião" para formar a palavra "fantasma".

2

Vitality [Vitalidade]

João Gabriel e Alice Morey encontraram-se nas florestas e terrenos baldios próximos das suas casas, onde a vida cresce em todas as direções. Os seus vídeos inscrevem-se num contexto de imagens da natureza, revelando-se lentamente na tradição da pintura de paisagem. As flores de João Gabriel tornaram-se sujeito de vários estudos sobre a quietude, agora destacadas dos fundos nos que por vezes apareciam como detalhes: dentro de um vaso numa mesinha de cabeceira, por exemplo, para o tomar uma posição central na mirada do artista. Morey, que usa a matéria orgânica na sua prática escultural e pictórica, interessou-se em capturar formas e perfis no desenho e os seus contornos em cianotípias. Ao explorar o nosso implacável desenraizamento deste mundo, Gabriel e Morey enfatizam nossa relação háptica com a vida vegetal, os seus processos de desenvolvimento e as sensações de desaceleração do ritmo do seu crescimento.

Transformation [Transformação]

A prática de Joana da Conceição interessa-se pelos processos de formação do mundo, desde o momento em que os organismos se tornam formas - *gestaltung* - até subsequentemente

se manifestarem como matéria que flui. Partindo de um início aquático, o vídeo de da Conceição incorpora música, imagem em movimento, animação digital e documentação da sua prática pictórica numa *gesamtkunstwerk* que reúne séries de pinturas anteriores que tratam de *espíritos de criança* - um conceito emprestado da Umbanda - a processos de mascaramento, o grotesco e o ornamento. Nos últimos anos, da Conceição desenterrou uma rede rizomática de conexões entre a antropologia feminista e a biologia, que usa para expandir ideias de pintura na esfera digital, muitas vezes tecidas com evocações espirituais e xamanísticas para narrar a formação do mundo na multiplicidade em vez da separação.

Ritual [Ritual]

Dayana Lucas e Lorenzo Sandoval criaram obras alusivas ao ritual, passagens e possibilidade de mudança. Inspirados pelas tradições místicas e iconografia originária do antigo Egito e antiga China, Lucas e Sandoval exploram o potencial fim de uma forma de capitalismo cognitivo que é predadora e explorativa. Ambos se interessam pelas consequências que se manifestam através de psicopatologias e da alienação afetiva, refletindo sobre o presente período de intenso consumo digital, trabalho a tempo inteiro e disponibilidade 24/7.

O ouroboros é um importante símbolo na prática de Lucas que emerge na forma de traços e círculos nas suas pinturas e desenhos. Adotado pela tradição ocidental mais notoriamente na alquimia, o símbolo representa uma serpente devorando a sua cauda, aludindo ao ciclo de vida e morte. Isolada na ilha dos seus antepassados, Lucas colaborou com um ferreiro para produzir uma série de jogos de chaves. Para a artista, esta colaboração representa o encerrar de um ciclo pessoal iniciado em 2013, quando Lucas atirou as chaves de sua casa ao rio, como uma oferenda, antes de cruzá-lo. Num gesto de reconhecimento e cumplicidade com as marés da sua vida e da dos seus antepassados, Lucas posiciona o presente num constante e sempre transformador movimento entre a memória e a imaginação.

Ao longo dos anos, Sandoval tem vindo a recolher imagens de arquivos fotográficos e de filmes, assim como dos *feeds* diários do YouTube e do Instagram. Convidado a participar no programa on-line de *Klosterrüine* "Times in Crises", sobre a produção artística durante o surto de Covid-19, Sandoval editou esses arquivos como uma série de associações livres, baseadas num encadeamento de palavras: ciclos, ritmo, padrões, hábitos, rotinas, protocolos e constelações. Inspirado no I Ching, um texto de divinação clássico também conhecido por O Livro das Mudanças, o glossário tornou-se um lugar a partir do qual negociar a dialética do cinema e da fotomontagem, enquanto fornece uma metodologia lúdica e aberta para uma série de novas pinturas que exploram o conflito entre trabalho e gestos associados ao ócio. A série de completa de vídeos pode ser vista em @lorenzo_sandoval IGTV.

Matter [Matéria]

No espaço-tempo suspenso da pandemia, Richie Culver, Estefanía Landesmann e Ramiro Guerreiro procuraram refúgio na precariedade e plenitude dos materiais. Isolado numa ilha distante de casa, Culver explorou a salinidade da água nos tecidos feitos de pedaços de cortinas disponíveis no supermercado local. O seu vídeo viaja pelo curto caminho entre a sua casa de férias e uma praia qualquer, que ele percorreu de um lado para o outro para recuperar os pedaços de tecido deixados durante a noite a serem consumidos pelo oceano. Landesmann examinou os seus arquivos fotográficos para um encontro diferente com uma mesma imagem. O seu vídeo aprofunda a reciprocidade entre imobilidade e movimento lento, demonstrando-se nos detalhes de uma imagem aparentemente bidimensional que parece dialogar com um ambiente urbano. Separada da aparente materialidade do som e da superfície, a imagem ainda em movimento de Landesmann engana as expectativas, questionando o espectador sobre a importância da mobilidade no contexto da pandemia. Guerreiro, colecionador de folhas de papel de diferentes tamanhos, padrões, gramagens e épocas, encontrou na colagem uma prática de experimentação e um projeto de atenção durante o confinamento. O seu vídeo exerce uma relação minuciosa e uma prática metódica com as folhas de papel, estabelecida em estreita relação com o algodão, ensaiando gestos de *assemblage* e encontro entre os materiais.

Exchange [Troca]

Diana Policarpo e Josep Maynou interessaram-se pelo processo de transferência de um organismo para o outro e pelas suas subsequentes formas de conversão. Expandindo a sua atual exposição *Overlay* na Lehmann + Silva, Policarpo apresenta um trabalho de imagem em movimento composto por materiais de pesquisa relacionados com o uso de búzios no comércio colonial e nas economias da dádiva de culturas indígenas como forma de intercâmbio económico. Uma narrativa oral, escrita em colaboração com Lorena Muñoz-Alonso, é sobreposta por imagens que abrangem expedições no Google Earth e visitas a museus virtuais, falando de formas de sincretismo e diálogo que vão além das visões dominantes do intercâmbio económico. Inspirado pelos artistas suíços, Peter Fischli e David Weiss, Maynou desenvolveu uma série de performances em vídeo no Instagram usando inesperadas divisas para traçar várias cadeias de causalidade. Num vídeo, o papel higiénico torna-se sinal de uma cadeia de signos entre economias e energias, e o chocolate, o elo direto entre o mundo exterior e os afetos pessoais. Evocando os prazeres e as artes da vida, Maynou

explora divertidamente os fantasmas do nosso presente, capturados maliciosamente na voz espectral que canta "What to do? [O que fazer?]", combinada com uma série de desenhos em embalagens de chocolate que narram cenas do cotidiano.

THIS MUST BE THE PLACE

Conceito, Texto e Direção Artística: Sofia Lemos

Artistas: Joana da Conceição, Richie Culver, João Gabriel, Ramiro Guerreiro, Estefanía Landesmann, Dayana Lucas, Josep Maynou, Alice Morey, Diana Policarpo, e Lorenzo Sandoval.

Lista de obras:

JOÃO GABRIEL

You must believe in spring, 2020

Vídeo HD, cor, com, 02'12"

Música: Johann Sebastian Bach, *Orgelkonzerte Organ Concertos BWV 592-596*. Interpretação: Johannes-Ernst Köhler. Gravação: Dresden, Hofkirche, 1972

5

ALICE MOREY

Wanderers, 2020

Colagem de cliques digitais, desenhos e impressões com poesia falada, cor e som

01'50"

JOANA DA CONCEIÇÃO

Mundo sem Origem [World without Origin], 2020

Animação digital, cor, som

03'12"

Música: Joana da Conceição

DAYANA LUCAS

Chaves Novas [New Keys], 2020

Vídeo HD, cor, som,

01'08"

Música: H.O.M.O, *Three Third Rhythms* (2015)

THIS MUST BE
THE PLACE

LORENZO SANDOVAL

Book of Changes: Changes of Gestures, 2020

Vídeo HD, desenhos, cor, som
02'00"

RICHIE CULVER

Daddy Issues (Gluten Free), 2020

Vídeo HD, cor, som,
02'01"

Música: Roger Whittaker, *The Last Farewell* (1994)

ESTEFANÍA LANDESMANN

Fig. 6, 2019 [2020]

Vídeo HD, cor, som,
01'47"

RAMIRO GUERREIRO

Redistribution (rehearsal), 2020

Vídeo HD, cor, som,
01'43"

DIANA POLICARPO

Shell Money, 2020

Vídeo HD, cor, som,
02'22"

Composição e voz: Diana Policarpo

Texto: Lorena Muñoz-Alonso e Diana Policarpo

JOSEP MAYNOU

Lockdown Mix, 2020

Vídeo HD, cor, som, 01:05 min

Metragem:

Excerto de performance ao vivo no Instagram, 27-3-2020, Paris

Excerto do vídeo *Toilet*, 2020

Excerto do vídeo *What to do*, 2020

Detalhes de *Chocolate diaries*, 2020, técnica mista sobre embalagens de chocolate